

Bali, a ilha da paz

EVA PAULINO BUENO*

Um dia, no mês de fevereiro de 2001, caminhando por uma estrada perto da cidadezinha de Kirkagaanga, na parte leste da ilha de Bali, eu e meu marido nos deparamos com um velhinho tocando flauta. Não uma flauta destas de orquestra, mas uma flauta feita em casa, daquelas simples. Ele tinha um cesto cheio delas. Nós estávamos caminhando em direção à uma aldeia que tínhamos visto no mapa e que pelo jeito ficava a uns 3 km de onde encontramos o velhinho.

Ele nos sorriu quando nos aproximamos, colocando a flauta de lado. “Want to buy floota?”, ele perguntou, num inglês quebrado. Não, nós não queríamos comprar uma flauta. A gente tinha que ir à tal aldeia e voltar ao hotel em Kirkagaanga antes que escurecesse. Agradecemos ao velhinho e recomeçamos a andar. Ele nos chamou de volta, dizendo “Cut your hair?” e fez sinal com a tesoura pra cortar o cabelo. Mais uma vez agradecemos, fizemos umas medidas e continuamos o caminho. Ele sorriu e fez um gesto de bênção com a mão, se despedindo de nós. O dia estava muito quente, eu estava com sede e queria achar logo um lugar com água e ir descansar na sombra. Quando voltamos pela mesma estrada, de

tardezinha, o velhinho tinha desaparecido e só se viam os arrozais que cobriam os patamares cavados nas colinas. Tudo um mar de verde, só interrompido pelas casinhas de bambu aqui e ali, cada uma delas um pequeno oratório a um deus que toma conta daquela parte do arrozal.

Bali é uma terra cheia de deuses e a cultura é o resultado de uma longa convivência entre budismo e hinduísmo, que foram se moldando um ao outro, emprestando daqui, emprestando ali, e chegaram a uma religião e forma de vida que é um modelo de tolerância e beleza. Cada balinês é um crente, cada balinês é um artista. Cada um faz alguma coisa bonita, seja com madeira, pedra, fios, grama, flores, comida, cabelo, tudo. Beleza, bondade, tolerância: *estas* parecem ser as diretrizes do povo de Bali. Logicamente, os turistas que começaram a vir à ilha aos milhares, desde os anos 1940, acabaram influenciando bastante na infraestrutura financeira da ilha, mudando algumas coisas importantes, tais como a quase total monocultura (o arroz). Mas o povo de Bali continua fundamentalmente o mesmo, com a mesma maneira de receber o visitante com carinho. No aeroporto em Denpasar, no meio da



* EVA PAULINO BUENO é professora de Espanhol e English Communication na Mukogawa Women's University, em Nishinomiya, no Japao; autora de *Mazzaropi, o artista do povo* – EDUEM, 2000.



correria dos motoristas de táxi tentando conseguir passageiros, eles sempre têm tempo de sorrir, perguntar se o recém chegado fez boa viagem e se sente bem.

Durante as três semanas que passamos em Bali, meu marido e eu tivemos o privilégio de conhecer pessoas de várias regiões da ilha. Começamos nossa viagem em Kuta Beach, que fica perto do único aeroporto de Bali, em Denpasar. De Kuta fomos a Ubud, que é considerada o coração artístico de Bali e fica nas montanhas. Ubud é também um centro comercial e turístico desde que artistas do ocidente descobriram a arte – escultura, pintura, dança, música – dos habitantes da cidade, no começo do século XX. De Ubud fizemos várias viagens curtas a locais próximos, templos, montanhas, vilarejos. Durante estas viagens, conhecemos Made, um jovem balinês de 20 anos, órfão de pai e mãe, que trabalha como guia turístico e motorista para os turistas que o contratam. Nós o contratamos para várias pequenas viagens e, afinal, para nossa ida até Kirkagaanga, que uma vez, há muitos anos, foi um reino separado, com seu palácio e família imperial. De Kirkagaanga fomos a Lovina, uma série de praias de areias negras e golfinhos que nadavam perto da praia. De Lovina voltamos a Kuta, onde tomamos o avião de volta ao Japão. Me lembro, na noite anterior à nossa saída de Bali, que senti uma grande saudade antecipada, como se estivesse deixando um amigo, um parente, um irmão.

Não é de se estranhar. O povo de Bali é, talvez, o povo mais doce do mundo. Os balineses cantam na rua. Os balineses sorriem pra todo mundo, mesmo os que não estão comprando nada na loja deles. Os balineses lhe dão flores, só porque você está ali e eles têm uma flor na mão. Os balineses saúdam você com um “namaste” – “eu saúdo o deus em você”

– e eu suspeito que eles realmente acreditam que cada um de nós leva um deus dentro de si. A literatura de Bali é uma mistura de histórias tomadas dos textos sagrados hindus e budistas e os artistas que fazem o teatro de bonecos são considerados uma espécie de mensageiros dos deuses, porque eles ensinam as histórias antigas e pregam o respeito mútuo e a caridade para com todos.

Em nossas conversas com nosso motorista, Made, soubemos que na ilha todos têm um dos quatro nomes disponíveis. Made é o nome do segundo filho: em todas famílias o segundo filho ou filha é chamado Made. E se os pais têm mais que quatro filhos? Simples: recomeçam com a lista mais uma vez. Então Made pode ser o nome do segundo e do sexto filho ou filha, e assim por diante. Mas nosso jovem amigo tinha perdido toda a família e agora morava com os tios. Sua grande esperança: juntar dinheiro suficiente para poder fazer o corte dos dentes, o primeiro passo a ser tomado para uma pessoa (homem ou mulher) poder se casar. Os balineses acreditam que o casamento é uma situação que exige muita gentileza, muito cuidado, então a cerimônia do corte dos dentes (que são serrados ligeiramente) indica que a pessoa está disposta a aceitar as dificuldades e acomodações necessárias para a vida conjugal. Esta é uma cerimônia da qual participam a família e a comunidade e é como um ritual de reconhecimento da maturidade e, logicamente, uma ocasião em que a família e a comunidade reforçam seus laços culturais. O casamento é outra ocasião importante, assim como a apresentação dos recém-nascidos, e o funeral.

Antes de ir a Bali, eu li em um guia turístico que as coisas mais bonitas em Bali não estão à venda. Isso pode parecer



um exagero, se consideramos as delicadas estatuetas esculpidas em madeira e pedra e as lindas tapeçarias tecidas em algumas partes da ilha. Mas é verdade: as coisas mais bonitas feitas em Bali são aquelas que as mulheres e meninas fazem com grama e folhas e flores, para oferecer aos deuses em pequenas cerimônias que acontecem várias vezes ao dia. Estas pequenas cestas, tramadas rapidamente, são de uma leveza e complexidade, que parece incrível que a sua única função seja acomodar uma flor, uma vela, um pedaço de incenso e ser colocada no chão, numa encruzilhada, num rodapé, para agradecer aos deuses (e são tantos!) que vivem diariamente com os balineses. Estas oferendas são biodegradáveis e acabam sendo reincorporadas à natureza. As meninas cantam enquanto seguem as mães ou irmãs mais velhas durante as cerimônias, uma aprendendo com a outra.

E foi neste lugar que sanguinários terroristas da Indonésia resolveram semear a morte. Também não é de se estranhar. Embora a Indonésia seja um país fabuloso, um universo em si mesmo, aquele é um país extremamente complexo. Não é possível esquecermos que foi a própria Indonésia que torturou e matou crianças nas ruas de cidades do Timor Leste, por muitos anos, até que a comunidade mundial, alertada especialmente pela Austrália, resolveu intervir na barbaridade sendo cometida contra os Timorenses. Mais tarde, foi a Indonésia que teve a “brilhante” ideia de forçar moradores de algumas ilhas a emigrarem a outras, dizendo que assim haveria mais equilíbrio populacional. Os recém chegados foram mortos a machadadas pelo grupo étnico da ilha “hospedeira”, que não queriam aceitar estes “estranhos” no seu meio. A ideia de um país, para a Indonésia, é basicamente uma imposição do governo central,

porque cada ilha tem sua cultura, suas características étnicas, sua língua. Os desastres ecológicos são frequentes no país e, no final do século passado, seus vizinhos mais próximos – Singapura e a costa oeste da Malásia – sofreram meses de fumaça causada pela queima de florestas inteiras na Indonésia. E agora vieram de lá os assassinos que se escondem debaixo do nome da religião muçulmana e fizeram este ataque covarde em Bali. Porque o ataque, embora tenha atingido diretamente os jovens turistas que estavam se divertindo, atingiu talvez mais profundamente a própria Bali. Logicamente, para os que acreditam em uma religião intolerante, de um só deus (e deus masculino), que tem horror a estátuas, a existência de Bali, com seus muitos deuses, suas muitas imagens, deve ser uma afronta. E assim os assassinos da Indonésia mataram vários coelhos com uma paulada só: se vingaram da Austrália, que tinha “se intrometido” na questão do Timor Leste e destroçaram a economia de Bali. Além do mais, os terroristas atacaram uma atividade mundial, o turismo. Mas, o pior de tudo que este ataque fez foi contaminar uma ideia primordial, a do paraíso.

No dia depois do ataque em Kuta Beach, recebi um email de meu amigo Made, com quem tenho estado em contato por email e carta desde a viagem a Bali. No email, ele diz que está muito triste pelos que morreram, que está muito envergonhado porque isso aconteceu em Bali. E depois, numa última sentença, ele faz a pergunta que todos que amamos Bali nos fazemos: “o que vai acontecer com Bali?”

E o que vai acontecer com aqueles que estão sofrendo as consequências do ataque no próprio corpo? Recentemente o *New York Times* mostrou a foto de uma



mocinha tentando consolar uma amiga, que havia sido horrivelmente queimada. Esta moça, cujo nome não conta entre os mortos, está condenada a uma morte em vida, completamente deformada. O que justifica tal coisa?

E eu volto àquela tarde quente em Kirkagaanga, ao velhinho que tentou nos vender flautas e cortar nosso cabelo, mas não se zangou porque não pudemos aceitar nenhuma das ofertas. Aquele último momento, dele nos abençoando enquanto continuamos nossa caminhada no sol, vai ficar na minha memória. Se é verdade que em Bali há deuses em todas

as coisas, talvez nós tivemos a sorte de nos depararmos com um, ali na beira daquela estrada. As notícias mais recentes de Bali nos informam que, de fato, a economia da ilha está em péssima situação, mas que as pessoas estão tentando se manter com dignidade e continuam com esperanças que logo os visitantes voltarão. Os deuses de Bali, presentes em cada balinês – “namaste!” — continuam com eles. A comunidade mundial deve fazer o mesmo e não permitir que assassinos da Indonésia façam com Bali o que fizeram com o Timor Leste.